

Educação, religião e o sentido da vida

Se perguntarmos aos pais por que querem que seu filho ou sua filha consiga uma boa educação, a resposta será mais ou menos essa: "É porque queremos que ele/a tenha uma vida boa, uma vida melhor, pois se não estudar vai ter uma vida difícil".

E se perguntarmos o que eles querem dizer com uma "vida boa", provavelmente responderão, em primeiro lugar, não passar por dificuldades econômicas e ter uma vida confortável. Mas, com certeza, desejarão também que o filho ou a filha seja uma pessoa respeitada na comunidade e que seja também uma pessoa de "bem".

Todos os seres vivos estão equipados com um mecanismo que lhes possibilita distinguir o que é "do bem", isto é, o que lhes ajuda na reprodução e na manutenção da sua vida, e o que é "do mal", aquilo que prejudica a sua vida. Nos seres vivos mais simples, esse mecanismo faz parte da sua própria constituição biológica. No nosso caso, precisamos, além desse mecanismo biológico, de um mecanismo cultural que nos permita distinguir quem são as pessoas "do bem" e as "do mal." Sem essa distinção, não conseguimos organizar nossas relações com objetos e pessoas do nosso ambiente e, portanto, não conseguimos tomar decisões na nossa vida.

Sem um sentido último da vida, não conseguimos estabelecer uma certa direção para a nossa vida. E sem essa direção, não logramos ter um horizonte de compreensão que nos dê sentido a coisas, fatos e pessoas e determine os valores de cada um.

A noção de uma "vida melhor" tem dois aspectos fundamentais: o aspecto operacional que permite a reprodução da vida material, cultural e espiritual das pessoas, do grupo e da sociedade; e o sentido da vida que permite que as pessoas e a sociedade possam julgar em que consiste este "melhor" e que as leve a caminhar nessa direção. Sem acesso ao conhecimento desses dois aspectos e sem competência para continuamente rever o modo como se produzem e se aplicam os conhecimentos operacionais e para reavaliar criticamente o sentido da vida e os valores dominantes na sociedade, não se pode buscar uma "vida melhor". Permitir esse acesso é a missão da Educação.

Entretanto, hoje pouco falamos sobre o sentido da vida e da Educação, o "para que", e estamos concentrados quase que exclusivamente no método e na técnica de "como" educar. Isto revela que um sentido da vida e da Educação se tornou vitorioso e foi imposto à sociedade.

Quando o sentido da vida dominante na sociedade já não é nem mais discutido, é hora de levantar novamente essa pergunta! Esta é uma das funções de uma Educação crítica.

Na nossa sociedade, a cultura de consumo e a ideologia neoliberal estabelecem o parâmetro mais importante para o sentido da vida. Vivemos em uma sociedade onde o sentido último é ganhar mais para consumir mais; e o viver bem foi identificado com consumir mais. A vida sem consumo de mercadorias de grife se tornou insuportável e sem nenhum encanto. E como não queremos viver uma vida desencantada, fria e sem graça, corremos atrás de mercadorias que encantem as nossas vidas. Ir ao shopping center para fazer compras quando nos sentimos "desanimados" (sem alma/vida) ou meio "chateados" (parecendo que a nossa humanidade ficou diminuída, achatada) é uma expressão clara desse fenômeno. O sentido da vida não está mais na vida mesma, no encontro das pessoas na amizade e gratuidade, mas em consumir mercadorias.

Em um mundo assim, é fundamental que a Educação não se reduza ao aspecto técnico-operacional da vida, mas que desenvolva também uma visão crítica da dimensão simbólico-espiritual do ser humano para que as pessoas possam discernir os mais diversos símbolos e sentidos da vida presentes na nossa sociedade e possam optar pelos mais humanizantes.

Jung Mo Sung

Pós-doutor em Educação, Doutor em Ciências da Religião e Professor de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista. É autor de 13 livros, entre eles: "Educar para reencantar a vida", no qual desenvolve as idéias apresentadas neste artigo